

Joseph Ki-Zerbo: uma personalidade africana em acção

“Kwame Nkrumah, apóstolo da ‘independência antes de mais nada’, acrescentava imediatamente a seguir que ela não tinha sentido sem a unidade. Patrice Lumumba caiu vítima da identidade etnicista e imperialista que teleguiava Tshombe. A personalidade, é um papel que se atribuiu a si próprio e que se assume (persona). Apenas a identidade africana pode conferir um papel digno do continente no mundo” (*Repères pour l’Afrique*, p. 87).

Visivelmente desde o dia 4 de Dezembro de 2006, data do seu desaparecimento, a multiplicação de homenagens escritas e dos comentários torna possível a recolha de materiais de um discurso crítico, não necessariamente laudatório, sobre a obra de Joseph Ki-Zerbo. Esta utilização de um discurso crítico, que responde a uma imperiosa exigência de divulgação e, sobretudo, de abordagem e recepção científica, faz-se com tanto entusiasmo como se fosse talvez para cobrir uma lacuna. Com efeito, as dezenas de mensagens dirigidas pelos pesquisadores africanos e estrangeiros à família e à comunidade científica fazem também reaparecer a ausência de monografia.

Dadas as modalidades específicas da sua longa travessia pelo século XX, quer a nível intelectual e político, quer político, os estudos sobre essa obra não são muitos, contrastando com a sua grande popularidade e notoriedade no continente africano e no mundo, assim como com a prática jornalística internacional suscitando o desenvolvimento das biografias e estudos críticos dos grandes autores. Será preciso acreditar que, dado talvez o seu talento, raro, para exprimir os concei-

Lazare Ki-Zerbo
Organização Internacional
da Francofonia (OIF)

tos e verdades mais abstractas numa língua comum, embelezada por provérbios, o público *gostava* mais de ouvir que de escutar o historiador, e que os pesquisadores resmungavam, e então por que razão (ões) estudá-la? É verdade que o jargão parece ter-se tornado nesta época perturbada do pós-modernismo e do pós-colonialismo, um indicador da competência e que a metafísica mais sofisticada avança desde então sem complexos no terreno das ciências sociais, e mesmo da historiografia. A eloquência do “velho”, do “Professor” ter-se-á voltado contra ele no campo científico onde a objectividade deveria rimar com aridez de linguagem ou mesmo esoterismo? A acessibilidade das suas afirmações, muitas vezes difundida nas ondas das rádios nacionais e internacionais, e audível nas mil palestras que ele deu, terá tornado menos urgente a tarefa apesar de tudo necessária de *ler* nas bibliotecas, de modo aprofundado? Ou ainda, terá sido uma personalidade tão liberal, com uma relação muito distante com a *autoridade* entendida como virtude própria ao comando dos homens, que ele teria querido fazer (ou quis fazer) *escola*, a nível político ou científico, hipótese mais pessimista ainda do que a feita por um jovem professor burkinabe que me perguntava recentemente num e-mail: terá ele sido mais *útil* a nível científico ou a nível político? Interrogação menos urgente e vital, é verdade, do que a interrogação

desta criança tropa do prítaneu militar Charles N’Tchoréré de Saint-Louis no Senegal, no início dos anos 80: “porque é que o teu pai não recruta no exército (voltaico)”? Estava-se na véspera dos golpes de estado reformistas e depois revolucionários de 1960 e 1983...

O jovem professor de Niangologo (posto administrativo do Burkina Faso antes da Costa do Marfim) presentia a gravidez, talvez não a primazia do intelectual sobre o político quando levantava assim a questão dilemática: a da identidade gemelar daquele que eu gostaria de abordar aqui, não obstante a filiação biológica, senão como meu primeiro “Director” (eu fui responsável de projecto ao seu lado, no Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano – CEDA, Ouagadougou, Burkina Faso, de 1994 a 2004), pelo menos do ângulo da filiação e da crítica intelectuais? Este director de um centro de pesquisas reconhecido internacionalmente, era com efeito, *também* o presidente do Partido para a Democracia e Progresso (PDP), longínquo herdeiro do histórico Movimento de Libertação Nacional (MLN) criado no fogo da evolução pan-africana, no rasto do 6 de Março de 1957 (independência do Gana com Kwame N’Krumah, George Padmore, W.E.B. du Bois...) e na perspectiva do 28 de Setembro de 1958 (referendo francês sobre a constituição da V República, e para todos os territórios africanos, a independência ou a associação).

Pode-se arriscar a hipótese que, fora o próprio facto de que Ki-Zerbo ensinou relativamente pouco e de maneira contínua numa universidade³, se a obra conheceu poucas críticas sistemáticas (ela era

pioneira e paradigmática, talvez ao ponto de suscitar mais evitação do que crítica ou refutação), isso pode ser relacionado ao contexto político da guerra-fria, que poderosa e evidentemente marcou com a sua impressão não apenas o destino de toda a África, mas especificamente a prática das ciências sociais, a tal ponto que um intelectual não marxista era, nos anos 1970, atacado ou ostracizado por todos os lados em outros termos pelas diferentes obediências do marxismo. Ou então, ao contrário, a tonalidade marxista era tão marcada no próprio Ki-Zerbo que, como lembrava recentemente Jean Ziegler em Genebra, numa homenagem organizada na IUED, podia-se reconhecer nele um historiador materialista. Isso parece-me ser difícil de admitir dada a filiação explicitamente braudeliana (Ki-Zerbo 1972 e 1978) do método do historiador burkinabe. Todavia admito que o discurso anti-imperialista existe em Ki-Zerbo desde os seus artigos dos anos 1950 no jornal dos estudantes católicos *Tam Tam*, até ao seu apelo para uma Inter-africana das forças de desenvolvimento co-redigido com Mamadou Dia, e cuja plataforma do CEDA em 1980 tem incontestavelmente a marca.

Que esta plataforma tenha sido marxista ou não, a ligação entre o erudito e o político terá conseguido oberar o valor intrínseco da obra, em vez de apreendê-la filosoficamente numa leitura que eu qualificaria de kantiana e sistémica, como uma brilhante síntese entre razão científica e liberdade (razão prática)? Também não o creio. Penso que um dos grandes méritos desta obra é de ter sido, através de mediações ligadas aos instrumentos do espaço público, parcialmente mas relativamente bem restituída ao grande público, sendo sempre suficientemente robusta no plano científico, através das suas três principais aquisições, a saber, por ordem cronológica: a agregação (1956), *Histoire de l'Afrique noire* (1972), a direcção do Volume I da *Histoire générale de l'Afrique* (1980), *Éduquer ou périr* (1990), *Le Développement clés en tête* (introdução à *La Natte des autres*; 1992).

É menos para diminuir este valor científico do que para imaginar o horizonte eventual do seu desenvolvimento máximo que se coloca a questão: e se ele tivesse sido apenas cientista? Como se a geração nacionalista das independências pudesse não se engajar politicamente: era um momento histórico no qual muitos outros tiveram que se engajar contra a sabotagem

dessas independências, a sua confiscação pelos regimes neo-coloniais: Ibrahim Ly. Abdoulaye Moumouni... são por exemplo, entre muitos outros, ilustrações desta conjuntura histórico-político-intelectual.

A verdade é que, de facto, as novas contribuições feitas desde há alguns meses prefiguram o aparelho crítico kizerbiano: os artigos de David M. Soro (Universidade de Abidjan) em *Éthiopiennes* (Soro 2006)⁴, bem como os de Salim Abdelmajid e de Salif Yonaba no número especial de *Hakili*⁵, jornal do movimento do manifesto para a liberdade no Burkina Faso, sem esquecer uma biografia anunciada publicada por L'Harmattan, e sobretudo a publicação pelo CEDA de textos de Joseph Ki-Zerbo (2007). Se elas forem bem difundidas, vão dar uma nova consistência à obra escrita e desencadear, esperemo-lo, uma renovação dos estudos kizerbianos, a partir da sua memória escrita e não de simples lembranças⁶. Esses estudos esclarecerão de maneira mais precisa o *papel* de Ki-Zerbo em diferentes campos, em particular a historiografia africana contemporânea, e o pan-africanismo “francófono”. Elas permitirão tirar-se proveito da extraordinária riqueza das análises baseadas na intertextualidade, diria a poética da intertextualidade. O meu interesse por esta leitura cruzada dos textos foi renovado⁷ depois de ter contribuído para a elaboração pela Francofonia de uma recolha de textos sobre o *movimento panafricanista no século XX*⁸. A vida intelectual e científica nutre-se evidentemente de leituras aprovadoras ou refutadoras. Um epistema, ou seja uma economia textual, assim como uma economia mercantil, alimenta-se de empréstimos, de trocas, de citações, de imitações, de conflitos.

De entre as grandes citações ou leituras que se inserem no prolongamento das teses kizerbianas, pode-se citar, por exemplo, para além de Thierno Bah e Boubacar Barry, V. Y. Mudimbé⁹, mas também numa certa medida, K. Nkrumah (1988: 165)¹⁰. Não posso citar todos os historiadores, professores, jornalistas, intelectuais que, em África ou em outros lugares, em privado ou em público, reivindicam uma “dívida” mais ou menos importante, ou ter sido “inspirados” por J. Ki-Zerbo. Citarei, por exemplo, Elikia M'bokolo ou as explicações das obras publicadas nos EUA por Molefe K. Asante, ou Sheila Walker, apesar de tudo muito diferentes nas suas abordagens da historiografia africana.

De entre as leituras “refutadoras”: o hegeliano Pierre Franklin Tavarès (1990), Amady Aly Dieng (2006: 58-61), Aboubacry Lam (1994),¹¹ bem se pode dizer leituras centradas nos estatutos do Egipto faraónico na história de África, e da África na história universal, segundo Hegel ou Cheikh Anta Diop; e outras abordagens, nomeadamente as críticas de Mamadou Diouf (1999: 99-128) e Ibrahim Thioub (2005).

Devo dizer que é no mínimo surpreendente constatar que o professor Jean-Marc Ela, aparentemente bastante consciente das questões da citação, que publicou um ensaio sobre a pesquisa ligada ao desenvolvimento endógeno (Ela 2006)¹² ignora – passivamente ou activamente? – o texto de referência do Professor Joseph Ki-Zerbo: o desenvolvimento “clés en tête”.

Pela parte que me toca, gostaria de esboçar aqui, no quadro de uma reflexão sobre o pan-africanismo, uma apresentação da sua visão do *papel* da África, quer a nível científico, quer intelectual, podendo ser considerada como estruturalmente, ontologicamente, encaixado no que se enuncia como o grande desenho pan-africano. Apoio-me na recorrência no corpus kizerbiano do tema cinematográfico ou teatral, de que depende o conceito de papel no sentido dramaturgico. Penso ter encontrado uma confirmação, tardia, da minha construção interpretativa na frase citada para análise, apesar de a historiografia e a filosofia da história¹³, através da questão do sentido, da história, do direito também, poderem ser convocados.

Indústrias culturais e desenvolvimento endógeno « clés en tête »¹⁴

Que lugar ocupam as indústrias no desenvolvimento endógeno, tanto do ponto de vista prático, como do ponto de vista da teoria kizerbiana? Este é o primeiro nível da nossa reflexão. Por ter sido sucessivamente professor-pedagogo, administrador do sistema educativo e perito da Unesco, J. Ki-Zerbo teve particularmente contacto com duas dessas indústrias: a edição e a produção audiovisual. A concorrência desleal que faziam as imagens importadas à leitura e à escrita estava no centro das suas preocupações. A sua relação com a imagem é mediatizada pela linguagem das palavras: como todo o intelectual que desconfia da passividade mental que as imagens induzem, é a

imagem retórica mais do que a imagem no ecrã de que ele mais gosta e pratica. Só mais tarde lhe foi dedicado um filme. Para ele, o espaço público desenvolve-se pelo acto de escrever: obras científicas, artigos, manifestos, se a sua biblioteca pessoal não tivesse sido destruída por uma soldadesca instrumentalizada, são dezenas de milhar de manuscritos que ele teria legado à África e ao mundo.

Se bem que ele estivesse dotado de uma cultura clássica proveniente do seminário, é de um ponto de vista social e histórico que, em 1978, na sua comunicação ao Festival Pan-africano de Alger de 1969, J. Ki-Zerbo caracteriza a criação artística, em particular o cinema, como arte das massas, arte popular:

Se fosse então preciso escolher a qualquer preço, o cineasta africano deveria optar antes de tudo por uma ética social, quer dizer, pelo engajamento em relação ao seu povo; e não para ser mandarin, ou mercenário da película. Ser ou não ser. Ser um utensílio ou uma pessoa, este é o dilema para ele, assim como para o seu povo (Ki-Zerbo 1978 : 165).

O cineasta é ele próprio um actor do desenvolvimento, e a vida dos seus personagens, os “actores” deve exprimir isso.

Ele partilhou durante muito tempo a estigmatização das indústrias culturais dominantes pela intelligentsia pós sessenta e oito: viu-se nelas vectores de alienação, no prolongamento das teses freiristas ou da teoria crítica elaborada pela escola de Frankfurt, muito popular nos anos 70 (Freire 1974)¹⁵. Estavam vidadas a alienação social, cultural, mas também a alienação racial e sexual, dado que os símbolos machistas e falocráticos dominavam. As alternativas às indústrias culturais resultantes do sistema capitalista dominante (nomeadamente americano) são o cinema engajado do lado dos dominados, ou o recurso à leitura como actividade de despertar. Num outro registo, B. Anderson¹⁶ mostrou quem mostrou por exemplo, como é que a imprensa é a técnica de comunicação de massas que permitiu a cristalização de consciências nacionais.

Pode-se então considerar que a reflexão sobre as indústrias culturais que eu iniciei no CEDA há dez anos, juntava-se às preocupações teóricas anteriores de Joseph Ki-Zerbo, mas eu ignorava e ele próprio não o mencionou. Foi ao começar a recolha dos seus escritos em 2004 e 2005,

pouco tempo antes da sua morte, que me apercebi disso. Gostaria de me apoiar no trabalho realizado no CEDA para re-situar o contexto no qual a teoria kizerbiana conseguiu desembocar em resultados concretos, susceptíveis de dar as orientações de um cinema documentarista pan-africanista.

O *Étude sur les industries culturelles au Burkina Faso* foi realizado em 1997 pelo Centro de Estudos sobre o Desenvolvimento Africano (CEDA) por conta da UNESCO. Este estudo, conduzido pela Sra. Aminata Ouédraogo, o Sr. Souleumane Ouattara¹⁰ e o Sr. Clément Tapsoba, homens dos média, tinha como objectivo geral “estudar a dinâmica das relações entre o endógeno e o exógeno” nas indústrias culturais burkinabe apoiando-se no caso da televisão.

Tratava-se mais especificamente:

- de melhor delimitar as relações entre sistemas africanos de comunicação e as indústrias culturais modernas;
- ? de uma génese sucinta e o perfil da televisão no Burkina Faso: um levantamento da situação do sector audiovisual no país;
- de efectuar um diagnóstico dos programas televisivos difundidos no Burkina Faso, partindo da hipótese da sua extravasão, da sua inadaptação, com vista a se apreender os seus efeitos sobre a educação e sobre o campo das consciências colectivas e individuais;
- de determinar as implicações sociais, psicológicas e económicas do uso das indústrias culturais modernas dentro das famílias burkinabes;
- de fazer um diagnóstico sobre o impacto dos programas televisivos, sobre a educação, o cultural, a economia, o social, o psicológico e a família;
- de identificar o potencial de actividades próprias às sociedades burkinabe susceptíveis de resultar em indústrias culturais;
- e, por último, de fazer propostas e recomendações ao CEDA sobre a estratégia a adoptar para se produzir a curto prazo produtos alternativos que dêem ênfase à educação e às culturas nacionais.¹⁷

O estudo tinha revelado as grandes expectativas dos telespectadores – da ci-

dade secundária de Ouahigouya (província do Yatenga), situada a 180 km a noroeste da capital Ouagadougou – em matéria de produções locais, e chegou a recomendações operacionais, das quais nomeadamente a difusão da obra escrita de Ki-Zerbo através da imagem. Nessa altura, tínhamos esboçado uma comparação com a televisão alternativa, crítica, utilizada por ONG's, nomeadamente na América Latina, e centrada na educação cidadã das camadas populares negligenciadas pelos programas públicos. Nós tomávamos em conta os trabalhos da escola de Frankfurt sobre a utilização conservadora das indústrias culturais (Bidima 1993).

O filme-entrevista de Ki-Zerbo¹⁸, *Identités, identité pour l'Afrique*, está agora disponível e pode permitir aos jovens de África e da sua diáspora escutar e meditar a palavra seminal do historiador. Assim, em vez de ser um ecrã para a escrita, o filme espalha-se e é aqui uma introdução à obra escrita: com a condição de ser visível! Acrescente-se ainda que, antes mesmo do filme-entrevista que lhe é dedicado, o professor sabia usar o seu humor para esclarecer as suas afirmações com um toque mordaz de ironia (“se as línguas europeias são pontes entre a África e o mundo exterior, pode-se assim viver nessas pontes e abandonar a sua casa” pergunta ele por exemplo em 1978).

Convém, no entanto, aprofundar o que acaba de ser dito, comparando a abordagem do historiador à do cinema.

A acção histórica, o cinema e a humanização do mundo

É nos anos 50 em Paris que, na sua vida muito intensa, J. Ki-Zerbo pôde apreciar o cinema. Por exemplo, lembro-me que ele falava dos westerns, por exemplo o filme *Gunfight at O.K. Corral*, 1957 de John Sturges.

Para além desta dada biografia, é talvez à sua concepção do engajamento pessoal, enunciada no artigo de 1978, e fazendo eco do seu próprio engajamento cristão, sindical e político, que se deve ligar o seu uso recorrente da noção de papel¹⁹.

“Pela análise estilística desses quadros, conseguiu-se determinar fases ou das idades (caçadores, bóvidos, carroças, etc.) conseguiu-se, dando início a um verdadeiro filme da ocupação humana e das trocas” (Ki-Zerbo dir. 1992 : 2).

“As intervenções na televisão ou no **cinema** sofrem ainda mais a pressão das normas fénicas do Ocidente, contrariamente às práticas tradicionais africanas para as quais o tempo conta, mas não da mesma maneira” (Ki-Zerbo dir. 1992 : 49).

“As trocas culturais são muito mais desiguais do que a troca dos bens materiais. Tudo o que é valor acrescentado é vector de cultura. (...) E a nossa cultura tem menos possibilidades de se difundir, de participar na cultura mundial. É por isso que um dos grandes problemas de África é a luta pelas trocas culturais equitativas. Para isso, é preciso infra-estruturar as nossas culturas. Uma cultura sem base material e logística é apenas vento que passa. (...). Se Adão e Eva tivessem aparecido no Texas, ouvir-se-ia falar todos os dias na **CNN**” (Ki-Zerbo 2003 : 9).

Quando estiver provado que o capitalismo também não tem nenhuma resposta determinante (...) talvez que as condições estarão reunidas para se descobrir enfim uma solução específica: para **plantar uma nova decoração, inventar um novo cenário e constituir um novo casting** para uma nova peça mais digna do ser humano (Ki-Zerbo 2003 : 17).

“É uma questão de se saber se se é sujeito da história, se se está aqui para se jogar um papel na **peça de teatro**. Na realidade, não há peça em que não hajam actores. Há também figurantes, e nós, africanos fomos arrumados entre os figurantes, quer dizer os utensílios e os actores secundários para os papéis de actores” (Ki-Zerbo 2003 : 22).

Estas citações traduzem a ideia de que o desenvolvimento endógeno e a história são um processo, um movimento de diferenciação progressiva, e não a exibição de uma finalidade (*telos*) dada à origem: assim como o filme é uma série de imagens em movimento, a evolução humana é uma série de aquisições, de bifurcações, de impasses ou de enriquecimentos, de *programas*, todos sedimentados progressivamente uns sobre os outros.²¹ Esta visão dinâmica, na qual a imagem deve conter também os esquemas da inteligência, as simulações do homem das cavernas quando este imagina os efeitos das suas precursões sucessivas, é completada pela ideia que no filme actual, o *filme-mundo* e não somente representação do

mundo, os africanos são figurantes ou mendigos, e que não jogam um *papel* que eles teriam eles próprios escolhido: eles não são os donos dos seus destinos:

A África deixou de ser ambígua. Em todo o lado, debaixo dos nossos olhos ela revela a sua estrutura real e o seu papel, as suas funções fisiológicas enquanto que órgão no grande corpo do planeta. O tema da 4.^a sessão do Congresso de Estudos Africanos: “Dependência da África e os Meios de Remediar” é por si só um sinal e uma etapa desta nova situação. Com efeito, não há nenhuma África irreal abstracta; hipóstase que escapa às ondas tumultuosas da história. A África é o que ela faz, o pote formula o desejo de que o continente seja para o resto do mundo “como um coração de reserva” 22

Mas, o que é um coração senão um órgão investido de um certo papel vital e que é esculpido na estrutura anatómica para cumprir esse papel?

No entanto, aí pára a comparação. Pois a história mostra e demonstra que os papéis dos protagonistas não são fixos de uma vez por todas. Desde há vários séculos, a África foi transformada em utensílio, objecto da história dos outros.²³

A insistência sobre a noção de papel exprime a importância dada por J. Ki-Zerbo à vontade e à consciência. Isso poderia ser testemunho da sua profunda fé católica, se bem que alguns considerem que a sua formação pessoal não se exprime na sua obra. Em ciências sociais, as escolas africanas de economia política (Samir Amin, Archie Mafeje, Ake...) falavam antes da divisão do trabalho, de condição subalterna, pois a herança marxista está aí mais marcada: para essas escolas, o humanismo é uma ideologia burguesa que não dá o lugar que cabe à violência desumanizadora das relações sociais e na história. Qualquer praxiologia científica que elas poderiam avançar deveria apoiar-se nas categorias da historiografia marxista e acautelar-se em relação ao que surge aos seus olhos como uma concessão ao indivíduo, esta categoria e figura... pequena burguesia.

Ao mesmo tempo, o humanismo de Ki-Zerbo quer-se revolucionário, contrariamente ao de Senghor. Deve-se reconhecer que nos seus engajamentos políticos, ele esteve mais próximo de Sékou Touré (em 1958), Nkrumah ou Mamadou Dia do

que de Senghor a quem ele criticava muitas vezes a filosofia demasiado englobada, monística, da negritude, da identidade. Por exemplo, ele participou no Festival Pan-africano de Alger, onde acabou a *Histoire de l'Afrique noire*, e de Lagos, mas não no Festival Mundial das Artes Negras de 1966 em Dakar²⁴.

Memória, história africana e herança: o filme de um parentesco

O historiador descobre que os cenários, os dramas, a alternância e a alteração das estruturas e das representações que escandem a história *dos homens* e, a partir do invólucro dos factos, como o homem pré-histórico percutindo a pedra revela formas pretendidas, torna-as manifestas. J. Ki-Zerbo escreve: “A história é a terra onde se fixam as raízes da personalidade africana e dos valores que a qualificam: valores entendidos no sentido de razões de viver como se vive. É por isso que as pessoas que incarnaram mais e dedicaram mais esses valores no passado surgem como figuras de proa”²⁵. Os heróis históricos são educadores por exemplo e o historiador vê neles fontes de edificação do público. O encontro com o cineasta D. Kouyaté, realizador de *Keita, l'héritage du griot, Sia*²⁵, era no fundo o resultado de uma cumplicidade principal. Esses dois filmes do realizador Dani Kouyaté mostram o quanto o diálogo entre a imaginação criadora no cinema africano e a historiografia africana é real. A realidade histórica é muitas vezes fonte de inspiração (Ki-Zerbo 1972: 27 seg.).

Segundo o próprio Dani Kouyaté²⁶, o seu trabalho cinematográfico consistiu muitas vezes em *jogar* ou sonhar com as lendas, e não recitá-las como os tradicionalistas.

O historiador J. Ki-Zerbo contribuiu para mostrar que as lendas do património oral africano não contassem apenas histórias, mas que era preciso uma metodologia apropriada para as descodificar.

Houve nomeadamente nesta epopeia que foi a redacção da *Histoire générale de l'Afrique* na UNESCO, uma reabilitação científica da *oralidade*, da palavra, e da *palavra metafórica* como fonte historiográfica. Os trabalhos de Youssouf Tata Cissé ou Boubou Hama, bem como a descoberta das ruínas de Koumby Saleh na Mauritânia, mostrando as indicações da tradição oral soninké, fazem parte desta aventura intelectual. O professor Ki-

Zerbo foi mesmo até a evocar explicitamente as pinturas rupestres saharianas do neolítico como as primeiras bandas desenhadas, portanto narrativas históricas, como se a arte sahariana fosse afinal de contas o primeiro documentário:

“Pela análise estilística desses quadros, conseguiu-se determinar fases ou das idades (caçadores, bovídeos, carroças, etc.) conseguiu-se, dando início a um verdadeiro **filme** da ocupação humana e das trocas”, dando início a um verdadeiro **filme** da ocupação humana e das trocas”, **in** *Histoire de l’Afrique noire* (Ki-Zerbo 1983 : 22).

Encontra-se no realizador, assim como no seu “herói- historiador – narrador” o amor da língua como elemento constitutivo da identidade. Pensar, por exemplo, no uso das línguas nacionais no cinema africano contemporâneo com uma utilização por vezes de grandes mestres da palavra (Balla Moussa Keita, por exemplo).

Detenhamo-nos neste exemplo: esta oralidade quase erudita, cuja conservação apenas se pode fazer numa prática renovada das línguas, apesar dos constrangimentos ligados às mutações e à urbanização, é conservada até aos nossos dias; são traços dotados de uma dimensão cultural, uma carne, imaginária, simbólica. Detecta-se uma mentalidade, uma espiritualidade... Desde a origem, o documento não é o simples traço objectivo, ele *testemunha*, ele *conta*: os receios e as angústias dos primeiros homens perdidos na luxúria do Sahara, as esperanças e as convicções de um homem que lutou, escreveu e participou na história. Com efeito, a história enquanto disciplina científica, que se relaciona com os factos históricos objectivos, é também apreendida como memória vivida, portanto subjectiva. O historiador não é espectador imparcial, é também actor daquilo que conta (‘círculo vivido hermenêutico’ assim se diz nas ciências sociais). Ele faz parte do teatro que ele descreve visto que diz-nos que a cultura e a identidade africanas visam o papel que África deve assumir no vasto teatro do mundo: “a identidade é o papel assumido; é **como numa peça de teatro** onde cada um tem um papel a jogar” (Ki-Zerbo 2003: 8). Neste mesmo livro-entrevista dada a René Holenstein, Joseph Ki-Zerbo relaciona que a sua escolha da profissão poderia estar relacionada com a *personalidade* do seu pai, arquétipo do patriarca africano (Ki-Zerbo 1983),²⁷ e cuja história pessoal

lhe permitia apreciar a experiência humana e dar lições: *historia magister vitae*.

“Tinha optado pela história antes de mais porque o meu pai viveu muito tempo. Era um homem de história[s]. (...) Considero também que a história é mestra da vida” (Ki-Zerbo 2003: 11).

Há verdadeiramente uma relação lógica entre a visão dos nacionalistas pan-africanistas (cf. Ki-Zerbo 2003: 15) – contada por um actor-historiador da epopeia anticolonialista dos anos 50 – e a(s) do realizador: as metáforas faladas ou escritas ou co-escritas do professor, muito crítico em relação à história – recitação, e marcada pela história viva de Michelet (ele fazia da França um personagem feminino), Braudel e as do narrador escondido que é o realizador: os dois utilizam o gosto, o sentimento do belo para transmitir uma memória pessoal e colectiva ao mesmo tempo.

Há aqui todo um campo de reflexão sobre a imbricação da obra científica e do testemunho, do testemunho tecido por lembranças e acontecimentos históricos reais, campo que pertenceria à ego-história.

Convém realçar a este propósito que no filme-entrevista de Dani Kouyaté as imagens de arquivos são em pequeno número. Para além dos argumentos financeiros e técnicos,²⁸ de produção e da natureza teórica da afirmação (não é um filme de acção, mas de reflexão), é uma escolha assumida de Dani Kouyaté não ilustrar, não fazer história em imagens, historieta. Há à partida uma escolha da imagem como metáfora em vez da imagem como documento histórico, peça de convicção, prova, etc. como tal: a este título, não é um documentário histórico na terceira pessoa, é um documentário onde se joga uma existência engajada, onde se joga com a história, uma palavra viva, que recoloca o testemunho no seu papel original de sujeito histórico, intelectual e fonte permanente de interpelação da consciência colectiva africana, e não objecto de um discurso segundo, senão a própria narrativa cinematográfica.

Pan-africanismo e personalidade africana: papel, personificação e a instituição da República

Antes de terminar, gostaria de lembrar que a realização da unidade política de África é a condição de possibilidade da assumpção plena e inteira por ela do seu

papel no mundo. A *personalidade africana* (African personality) é ao mesmo tempo o papel a jogar e o meio para ser capaz de jogar esse papel, enquanto esquema unificador das multidões africanas, fonte de legitimação simbólica. Daí a lentidão do processo de difusão histórica, de consolidação progressiva no espírito público, na medida em que essa personalidade não se pode objectivar a não ser que a África real mude progressivamente de rosto (persona) para deixar ser de algum modo, como a forma de argila amassada pelo oleiro, a forma unitária em gestação nela: a sua vocação.

Depois da afirmação firme e explícita do mesmo objectivo por Marcus Garvey (1887-1940), J. Ki-Zerbo partilhou com os pioneiros do pan-africanismo, nomeadamente K. Nkrumah, esta ideia da unidade política como desenho último da história africana. Mas uma unidade não desenhada, antes processual. O manifesto do MLN adere à ideia de uma personalidade africana que eu considero diferente da identidade cultural negra exaltada pela negritude (senghoriana): é ao mesmo tempo a nacionalidade e a república pan-africanas.²⁹

Com efeito, embora me falte espaço para desenvolver mais este nível conceptual último da minha leitura, sem dúvida pós-kizerbiano, parece-me necessário realçar o seu princípio: ele está logicamente articulado com o advento do Estado (a pessoa pública) como formação unificadora dos grupos humanos, como foi enunciado nomeadamente na filosofia política moderna, nomeadamente por Hobbes. Faço questão de citar esta obra emblemática porque é ela que, nomeadamente no *Leviathan* (1651), e como mostrou o filósofo ultraconservador alemão Carl Schmitt,³⁰ desenvolve na sua pureza conceptual a temática da unidade política no seio de uma república “una e indivisível”. Ora, para a construir como soberania transcendendo ou representando uma multidão humana, que a respeita e que ela domina, ele refere-se à dramaturgia, uma vez que é ela com efeito que inaugura a representação de um papel por um actor, usando o texto de um autor. Esta delegação concedida pelo autor, único soberano, é portanto o que corresponde à autoridade no sentido primário: “o direito de realizar alguma acção é chamado de autoridade”.³¹ A sucessão do capítulo XVI sobre “As pessoas, autores, e seres personificados”,

e do famoso capítulo XVII intitulado “Sobre as causas da geração e da definição da república” descreve o esboço conceptual a partir do qual se pode compreender todo o alcance de pensamento meta-histórico de J. Ki-Zerbo, ao serviço do seu engajamento pan-africanista. As diferentes sequências regionais do filme da ocupação e da actividade humanas em África são como multiplicidades cuja unidade é apenas possível numa totalização política³² necessariamente de natureza federal; e *pluribus unum*, a unidade a partir da pluralidade. Sobretudo, o papel de África não é ainda o seu: ela descreveu desde a sua génese pré-histórica até às diferentes civilizações, o surgimento da pessoa: ela deve assumir esta dimensão como *personalidade* própria: carácter colectivo, fruto de uma génese multigeracional.³³ O povo africano deve constituir-se e ser o autor. *N’an laaran, an saara*. Esta divisa do movimento “Já basta no Burkina Faso” não é uma invenção: é uma redescoberta da filosofia do engajamento (sob juramento, contam os primeiros militantes!) legível no Manifesto do MLN, e nos artigos do Boletim Estudantil Católico *Tam-Tam*.³⁴ De resto, no início de 1958, Nkrumah dirigiu uma mensagem a este órgão, na qual, acariciando o seu público na direcção do pelo, o homem de estado ganense jogou a carta do cristianismo progressista.

Conclusão

Resumindo, tendo partido da ética do engajamento, entrevemos a dimensão epistemológica e mesmo ontológica da acção humana tal como ela está esquematizada pela imaginação intelectual do historiador J. Ki-Zerbo, atento ao trabalho da imaginação do criador literário ou de cinema. A fecundidade do diálogo entre escrita africana contemporânea da história e dramaturgia (teatral ou cinematográfica) não é fortuita: ela enraíza-se no húmus filosófico da representação (e) da acção de que J. Ki-Zerbo tinha visivelmente consciência, uma vez que era latinista e conhecia a etimologia da palavra personagem. A ligação entre acção pensada, reconstruída na historiografia, e acção sensata, imaginada é consubstancial. O segundo tema, relacionado com a imaginação, é a criação, a imaginação criadora, presente em modalidades diferentes no actor, no pesquisador e no povo agente.

As metáforas recorrentes no historiador, remetendo para o registo do cinema e do teatro, não deveriam assim ser apreendidas como uma simples expressão de estilo, mas como reveladoras de alguma coisa de mais profundo: o humanismo do historiador e do militante pan-africanista manifestar-se-ia através de uma concepção do homem como *actor responsável, cidadão e sujeito* da história. História realizada, numa África que possa exprimir a sua personalidade porque ela terá sabido e conseguido objectivá-la através da totalização das suas diferentes heranças históricas, das suas regiões: numa república.

No fundo, o papel é antes de mais um texto e, como escreveu Lumumba, citado por J. Ki-Zerbo no limiar da sua obra-mestra *Historie de l’Afrique noire*, “um dia a África escreverá a sua própria história”. Compreender: jogará o seu próprio papel, o de um carácter distintivo constituído pela sua personalidade profunda: o respeito da pessoa humana e o engajamento constante de assegurar o seu total desenvolvimento. Então ela será autoridade.

Notas

1. Num texto em relação ao qual voltarei mais adiante, *Cinéma et développement* (Ki-Zerbo 1978: 159-164), ele adverte mesmo assim: “Claro, a eloquência africana é breve e simples na aparência. Mas ela é feita de alusões, símbolos e alegorias que fazem reflectir longamente” (Ki-Zerbo 1978 :163).
2. Cf. a minha comunicação no primeiro encontro da rede de estudos africanos em França (<http://www.etudes-africaines.cnrs.fr/communications/kizerbo.pdf>), retomada e enriquecida para o Colóquio da Associação dos Historiadores Africanos (AHA), em Maio de 2007 em Addis Abeba.
3. De entre os seus estudantes da Universidade de Ouagadougou, podem-se citar o arqueólogo Jean-Baptiste Kiéthéga (2000), Georges Madiéga (1982) e Jeanne-Marie Kambou (1993). Em relação aos seus alunos do secundário, podem-se citar os “guineenses” do período 1958-1960 em Conacri, que desenvolvem uma historiografia regional: Thierno Bah, Boubacar Barry. Cf. o meu texto citado acima.
4. (Soro, G. A. D. M., 2006) http://www.refer.sn/ethiopiques/article.php?id_article=1526

5. *Hakili*, 01 BP 6868 Ouagadougou 01. Burkina Faso. Director de publicação Professeur Mahamade Savadogo da UFR de filosofia na Universidade de Ouagadougou. O presente artigo é igualmente uma versão resumida de um artigo publicado nesse jornal, publicado em homenagem ao intelectual Ki-Zerbo.
6. Sobre a problemática filosófica da escrita e da memória, da paternidade também., cf. « La pharmacie de Platon », célebre introdução de J. Derrida no *Phèdre* de Platão. Nesta obra Platão põe em cena o deus Theuth/Thot (cujo símbolo é o macaco ou a fíbri preta e branca; eu tinha feito disso o emblema do Espaço de Leitura do CEDA), inventor da escrita e o faraó. O faraó-metafísico realça que a escrita *substitui* a memória e a este título impede os homens de se lembrarem.
7. É aquando da minha passagem em Khâgne em Paris, em 1984-1986 que a minha professora da altura, a Sra. Barbéris, fez-me descobrir a teoria literária através dos monstros sagrados do estruturalismo francês que eram Júlia Kristeva e Gérard Genette, ou prestigiosas referências tais como o dialogismo de Bakhtine.
8. Este documento está disponível a pedido em todas as representações da Francofonia.
9. No discurso de abertura do Congresso dos Africanistas de Acra em 1962: 1962 : Cf. *Le mouvement panafricaniste au XX e siècle*, OIF, Paris, 2006, p. 352.
10. (Mudimbe 1988 : 165) : *Joseph Ki-Zerbo’s general history of Africa (1972) provoked a new thinking about the diversity of functions of African cultures*. Esta afirmação insere J. Ki-Zerbo na genealogia do conceito de biblioteca pan-africana, a que se refere M. Diouf, na sequência de Mudimbé.
11. (Lam 1994), sobre o tema cheikhantadiopiano do Vale do Nilo como berço cultural africano. Num instituto Joseph Ki-Zerbo, ou simplesmente num colóquio, a tese kizerbiana centrada no papel do Sahara e da pré-história deviam necessariamente fazer parte dos grandes temas do corpus, e ser confrontada com os escritos de A. Lam et P. F. Tavarès.
12. (Ela 2006) ; sobre a “política” da citação, p. 317 seg. a partir da experiência de Mongo Beti, vítima de ostracismo: poder-se-ia qualificar esta versão intelectual do banimento e da repressão contra os intelectuais dissidentes da prisão do silêncio, censura *a silencio*, ou ainda uma “prisão sem paredes”. Sobre Ki-Zerbo, op.cit, p. 139

- seg., 163, 347, mas nada sobre o texto chave que mencionamos, onde apesar de tudo qualquer diligência de Ela é tratada por um africano. Ver também o meu artigo (Ki-Zerbo, L., 1988).
13. Em direito, o papel é o registo no qual figura a lista das questões submetidas ao tribunal.
 14. “Não há nenhum desenvolvimento ‘pronto a usar’. O único desenvolvimento é o desenvolvimento *clés en tête*” op.cit, p. 1.
 15. P. Freire, *Pédagogie des opprimés* (1974). Para uma versão mais recente dessas teses marcusianas (*l’Homme unidimensionnel*), cf. Stiegler (2004: 24-25). Como J. Ki-Zerbo, Stiegler, que se apoia na filosofia contemporânea da técnica (Husserl, Heidegger, Simondon) e utiliza os trabalhos do paleontólogo Leroi-Gourhan (Cf. Stiegler 1994), dá muita importância aos desenvolvimentos cognitivo e estético decisivos registados no decurso, e desde a longa evolução humana pré-histórica.
 16. Então responsável da agência SYFIA no Burkina Faso.
 17. Fonte: Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano, Ouagadougou.
 18. Graças à *Lux-développement*, nomeadamente o Senhor Raymond Weber, a difícil procura de financiamentos para implementar os resultados do estudo sobre as indústrias culturais conseguiu concretizar-se: uma gestação de quase dez anos! A publicação póstuma de *Repères d’Afrique* mostra o quanto o CEDA dá importância ao acompanhamento do seu programa.
 19. É uma metáfora que aflora na reflexão filosófica sobre o papel da razão na história, ilustrada pela réplica de Macbeth (Shakespeare): *Life is but a tale, told by an idiot full of sound, and signifying nothing* (a vida não é mais do que uma história contada por um idiota, cheia de barulho e furor, e que não significa nada). Esta réplica foi comentada por Hegel em *la Phénoménologie de l’Esprit* onde cada civilização joga um papel particular, incarnado um momento do desenvolvimento dialéctico da razão, até à apoteose que representa a Europa, em particular a revolução francesa.
 20. Sobre o programa, cf. as pesquisas de Leroi-Gourhan (*Le geste et la parole*) e o pensamento de B. Stiegler.
 21. É sem dúvida por não ter tido acesso a esse texto que David Soro julga no artigo acima citado que a sua análise da metáfora do coração em Ki-Zerbo é uma “extrapolação”.
 22. “Da África utensílio à África parceira” in Mudimbé (1980 : 42-55) ; retomado em *Le mouvement panafricaniste au vingtième siècle* 2006 : 448 seg.
 23. Ele não conseguiu, tal como aconteceu com muitos congressistas, alcançar Lagos para o FESTAC 1977, mas transmitiu uma importante comunicação sobre o papel dos intelectuais. Quanto ao *Festival mondial des arts nègres*, é preciso também tomar-se em conta o facto de que se estava no dia seguinte ao levantamento popular de Janeiro de 1966 no Alto Volta da época: enquanto líder do Movimento de Libertação Nacional, foi-lhe sem dúvida impossível participar, mesmo que tivesse querido. Mas isso é pouco provável dado que o seu engajamento anterior na Guiné de Sékou Touré, ferozmente hostil nessa altura a Senghor. E o camarada Mamadou Dia não estava na prisão?
 24. Art.citado, p. 161. Algumas linhas mais à frente ele fala de um culto da personalidade que se concebia apenas no quadro geral do comunitarismo africano.
 25. Segundo *L’épopée du Wagadu* revisto por *Sia Yatabéré* de Moussa Diagona.
 26. Entrevista sobre *Sia* disponível no bônus do DVD produzido pela *La Médiathèque des Trois mondes*, Paris.
 27. Nasceu nos anos 1870 e morreu em 1980 no momento da visita do papa João Paulo II. Ler *Alfred Diban, premier chrétien de Haute-Volta*,
 28. Não se deve subestimar a questão muito importante da recolha, da conservação e da acessibilidade dos arquivos africanos: quando se introduz a expressão “história geral da África negra” no repertório SUDOC, o catalogo online das universidades francesas: o único autor é Deschamps...! É preciso modificar a pesquisa para se ver aparecer o nome de J. Ki-Zerbo. Isto é verdadeiramente surpreendente. Para os bancos de imagens como o Instituto Nacional do Audiovisual (INA) em França, de onde provêm alguns produtos da RFI (estojo sobre a história de África, por exemplo) o custo é muito elevado para o comprador africano e fora de propósito para o aluno ou para o estudante.
 29. Cf. o texto da minha comunicação no Colóquio de Adis Abeba.
 30. *La Notion de politique*. Cf. os trabalhos de Daniel Cumin na Universidade de Lyon
 31. *Leviathan*, Ed. Sirey, 1987, p. 163, e a célebre personificação do Soberano, na capa da primeira edição na forma de um megahomem composto por uma multidão de cidadãos (imagem em : <http://gallica.bnf.fr/themes/PoIXVII2.htm>). A integralidade da obra está disponível online no link http://classiques.uqac.ca/classiques/hobbes_thomas/leviathan/leviathan.html ; Toda a teoria da pessoa pública ou república (ch. XVII) tornou-se possível com esta passagem do capítulo XVI :

“A palavra pessoa é latina. Os gregos têm para isso a palavra *prosôpon*, que significa o *rostro*, assim como *peessoa* em latim significa o *disfarce*, a *aparência exterior* de um homem, imitados no palco; e por vezes, mais particularmente esta parte que disfarça o rosto, a máscara, a viseira. Do palco, esta palavra foi transferida a qualquer representante de um discurso ou de uma acção, tanto nos tribunais como no teatro. De modo que uma *pessoa* é a mesma coisa que um *actor*, tanto no palco como numa conversa corrente. E *personificar*, é *ser o actor*, é *representar-se* a si próprio ou *representar* outrem, e o que é o actor de um outro considera-se desempenhar o papel da pessoa desse outro, ou ser actor em nome (é o sentido que utiliza *Cícero* quando diz *Umus sustineo tres personas; mei adversarii, et judicis*, eu tenho a meu cargo o papel de três pessoas, a minha, a do adversário, e a do juiz, e chama-se de diferentes maneiras segundo as diferentes circunstâncias: um *representante* ou *alguém de representativo*, um *tenente*, um *vigário*, um *mandatário*, um *procurador*, um *actor* e assim sucessivamente.

De entre as pessoas artificiais, algumas têm as suas palavras e as suas acções que são reconhecidas como suas pelas que elas representam. A pessoa é então o *actor*, e o que reconhece como suas as suas palavras e acções é o autor, nesse caso o actor age por autoridade. Pois o que, quando se trata das suas posses, é chamado um *proprietário*, e em latim *dominus*, em grego *kurios*, é chamado autor quando se trata das suas acções. Assim como o direito de posse é chamado dominação, o direito de fazer uma acção qualquer é chamado autoridade. Se bem que por autoridade entende-se sempre um direito de fazer algum acto, e o acto feito *por autoridade*, faz por delegação de autoridade, com a autorização daquele que é o direito.

A citação de Cícero acima é retomada por Ki-Zerbo, mas para ser aplicada ao historiador: “na realidade o historiador é chamado a jogar sucessivamente o papel de testemunha, d advogado, de parte civil e de

- juiz” (in *Les historiens africains et la mondialisation*, Ed. AHA, ASHIMA, Karthala, Paris, 2005, p. 26). Percebe-se aqui todo o interesse de se desenvolver as abordagens intertextuais para se interpretar correctamente as obras que se quer estudar e sobretudo, que se quer *compreender* a lógica interna.
32. Cf. minha tese de doutoramento: *Contribution à une problématique de l'ontologie sociale phénoménologique à partir de Husserl*, université de Poitiers, 1994.
33. A este título, os prefaciadores burkinabes do caderno de viagem à África redigido pelo filósofo personalista Emmanuel Mounier (*L'éveil de l'Afrique noire*, Ed. Presses de la Renaissance, Paris, 2007) têm sem dúvida razão de fazerem referência a J. Ki-Zerbo.
34. Cf. *Le mouvement panafricaniste*, op. cit., p. 310-312. De entre os contribuidores para esta revista cuja reedição seria útil: o camaronês Georges Ngango, os senegaleses Joseph Mathiam, Henri Senghor, Christian Valantin, le Dahoméén Albert Tévédjré, os voltaicos Joseph Ki-Zerbo, Ignace Sandwidi, Pierre-Claver.
- Anderson, B., 1983, *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* : London : Verso.
- Anderson, B., 1996, *L'Imaginaire national : Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*, trad. de P.-E Dautat : Paris : La Découverte (éd. anglaise *Imagined Communities*, 1983).
- Bidima, G., 1993, *Théorie critique et modernité africaine : de l'École de Francfort à la Docta spes africana*, Paris : Publications de la Sorbonne.
- Dieng, A., A., 2006, *Hegel et l'Afrique noire. Hegel était-il raciste ?*, Dakar : Codesria.
- Diouf, M., 1999, « Des historiens et des histoires, pourquoi faire ? L'historiographie africaine entre l'État et les communautés », *Revue de Sociologie*, 3, (2), pp.99-128.
- Ela, J.-M., 2006, *L'Afrique à l'ère du savoir : science, société et pouvoir*, Paris : L'Harmattan.
- Freire, P., 1974, *Pédagogie des opprimés*, Paris : Maspéro.
- Kambou, J.-M., 1993, *Peuples voltaïques et conquête coloniale, 1885-1914 : Burkina Faso*, préface de Joseph Ki-Zerbo, Paris : L'Harmattan.
- Kiéthéga, J.-B. , 2000, *L'Or de la Volta noire*, Paris : Karthala.
- Ki-Zerbo, J., 1972, *Histoire de l'Afrique noire : d'hier à demain*, Paris : Hatier.
- Ki-Zerbo, J., 1978, « Cinéma et développement », *Afrique littéraire et artistique*, 49, 3e trimestre, pp.159-164.
- Ki-Zerbo, J., (dir.), 1980, *Histoire générale de l'Afrique*. Vol.1. *Méthodologie et préhistoire africaine*, Paris : UNESCO.
- Ki-Zerbo, J., 1990, *Éduquer ou Périr* , Paris : UNESCO.
- Ki-Zerbo, J., (dir.), 1992, *La natte des autres. Pour un développement endogène en Afrique*. Actes du colloque du Centre de Recherche pour le Développement Endogène (CRDE), Bamako 1989; Paris: Karthala; Dakar: CODESRIA.
- Ki-Zerbo, J., 2003, *À quand l'Afrique ?* Entretien avec René Holenstein, La Tour d'Aigues F-84240 : Éditions de l'Aube (Diffusion Seuil) ; Genève : Éditions d'en bas.
- Ki-Zerbo, J., 2007, *Repères pour l'Afrique*, Dakar : Panafrika/ Silex/Nouvelles du Sud.
- Ki-Zerbo, L., 1988, *La phénoménologie et les tâches critiques des sciences humaines en Afrique*, Présence africaine, 147.
- Lam, A., 1994, *Le Sahara ou la Vallée du Nil ? Aperçu sur la problématique du berceau de l'unité culturelle de l'Afrique Noire*, Dakar.
- Leroi-Gourhan, A., 1964, *Le Geste et la Parole. Tome 1 : Technique et langage*, Paris : Albin Michel.
- Leroi-Gourhan, A., 1965, *Le Geste et la Parole Tome 2 : la mémoire et les rythmes*. Paris : Albin Michel.
- Madiéga, G., 1982, *Contribution à l'histoire précoloniale du Gulma*, Wiesbaden : Ed. Franz Steiner.
- Mandé, Stéfanson B., (dir.), 2005, *Les Historiens africains et la mondialisation*, Paris : Karthala.
- Mudimbe, V. Y., 1980, *La dépendance de l'Afrique et les moyens d'y remédier*. Actes de la 4e session du Congrès international des Études africaines : Kinshasa, 12-16 décembre 1978, Paris : ACCT.
- Mudimbe, V. Y., 1988, *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge*, Bloomington : Indiana University Press.
- OIF, *Le Mouvement panafricaniste au XXe siècle*, 2007, Paris.
- Ouédraogo, A. ; Ouattara, S. et Tapsoba, C., 1997, *Étude sur les industries culturelles au Burkina Faso*.
- Soro, G. A. D. M., 2006, « De l'exigence d'une école culturellement intégrée et la problématique du développement de l'Afrique chez Ki-Zerbo », *Éthiopiennes*, 77, 2e semestre.
- Stiegler, B., 1994, *La technique et le temps*, Paris : Éditions Galilée.
- Stiegler, B., 2004, « Le désir asphyxié, ou comment l'industrie culturelle détruit l'individu », *Le Monde diplomatique*, juin.
- Tavarès, P., F., 1990, *Hegel, critique de l'Afrique. Introduction aux études critiques de Hegel sur l'Afrique*, Université Paris I
- Thioub, I., 2005, « Regard critique sur les lectures africaines de l'esclavage et de la traite atlantique », in I. Mandé, Stéfanson B., (dir.), *Les Historiens africains et la mondialisation*, Paris : Karthala.